



Estágio de docência e experimentações estéticas em aulas de arte-educação

Teaching practice and aesthetical experimentations in art education classes

Ana Cristina Moraesⁱ
Universidade Estadual do Ceará

Juliane Gonçalves Queirozⁱⁱ
Universidade Estadual do Ceará

Izabel Cristina Soares da Silva Limaⁱⁱⁱ
Universidade Estadual do Ceará

Resumo

O texto reflete sobre duas experiências de estágio de docência em turmas de Pedagogia de uma universidade pública estadual do Ceará, na disciplina Arte-educação. Essas reflexões estão embasadas em vivências estético-formativas ocorridas durante as aulas dessa disciplina. O objetivo deste trabalho é analisar a dimensão formativa do estágio de docência de duas mestrandas no viés da intervenção crítica, propositiva e criativa em Arte-educação. Autores de referência como Buriolla (1995), Pimenta (2006), Freire (2006), Moraes (2016), Vázquez (1977), dentre outros, fundamentam teoricamente este estudo. A discussão guia-se pelos diários de campo das duas estagiárias, transformados em relatos que são analisados criticamente, vislumbrando o delineamento da perspectiva formativa de docentes. Aponta-se, como resultados da investigação, a percepção do estímulo ao aperfeiçoamento de estudantes de mestrado para o exercício da profissão docente, bem como do envolvimento dos estudantes de graduação em ações estético-pedagógicas propostas na disciplina Arte-educação.

Palavras-chave: estágio de docência, experimentações estéticas, arte-educação.

Abstract

The text reflects on two experiences of Teaching Internship in classes of Pedagogy of a state public university in Ceará, in the discipline Art-education. These reflections are based on aesthetic-formative experiences occurred during the classes of this discipline. The objective of this work is to analyze the formative dimension of two Master's students' teaching internship, in the scope of the critical, propositive and creative intervention in Art-education. Authors of reference such as Buriolla (1995), Pimenta (2006), Freire (2006), Moraes (2016), Vázquez (1977), among others, theoretically base the study. The discussion is guided by the field journals of both trainees, transformed into reports that are analyzed critically, glimpsing the delineation of the formative perspective of teachers. As a result of the research, the perception of the stimulus to the improvement of Master's students for the exercise of the teaching profession, as well as the involvement of the undergraduate students in aesthetic-pedagogical actions proposed in the Art-education discipline, are pointed out.

Keywords: teaching internship, aesthetic experimentations, art-education.

Enviado em: 27/04/19 - Aprovado em: 14/06/19

Introdução

Este artigo analisa vivências e investigações no Estágio de Docência envolvendo experimentações estéticas em aulas de Arte-educação realizadas em cursos de Pedagogia de uma universidade estadual do Ceará em dois *campi* distintos¹. As reflexões partem de dois relatos que descrevem as aulas em formato de oficinas, ocorridas durante todo o segundo semestre letivo de 2018, tecendo críticas que abrangem as ações e aprendizagens de todos os envolvidos no processo – professoras orientadoras, estagiárias e alunos da disciplina. Junto a essa intervenção estético-pedagógica, estamos realizando, também, uma pesquisa que analisa as aprendizagens e percepções de estudantes de Arte-educação em relação às aulas-oficinas².

O trabalho tem, pois, como problema investigativo os seguintes questionamentos: como alunas de mestrado acadêmico, na disciplina Estágio de Docência, orientam-se em seu processo formativo como futuras docentes? O que a disciplina Arte-educação pode trazer de contributo à formação dessas futuras docentes e à repercussão dessa formação nas suas intervenções em sala de aula?

Com base em registros, escritos em diários de campo, registros fotográficos e audiovisuais, este estudo, de caráter qualitativo, foi escrito e analisado por nós numa perspectiva crítico-colaborativa.

Dentre os autores que subsidiam o estudo, referenciamos Vázquez (1977), Buriolla (1995), Freire (2006), Pimenta (2006), Moraes (2016) e outros.

Estágio de Docência, esse lançar-se em desafio numa seara formativa

O Estágio de Docência é componente curricular obrigatório³ do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (PPGE/UECE), que precisa

¹ Situados numa Faculdade de Educação de cidade interiorana e de Centro de Educação na capital do estado do Ceará, ministradas, respectivamente, por duas professoras doutoras com formação em Educação e Artes. A referida Universidade possui sete cursos presenciais de Pedagogia, sendo um na capital e seis nas unidades do restante do estado, representando, assim, um importante protagonismo na formação inicial dos pedagogos.

² Esta pesquisa intitula-se “Formação docente e educação estética na disciplina Arte-educação: aula-oficina como estratégia didático-investigativa”. Ela está em andamento desde agosto de 2018 e tem por objetivo analisar como experimentações estéticas vivenciadas pelos licenciandos reverberam em sua formação e atuação docente. Tem o apoio do Programa de Iniciação Científica da universidade na qual se realiza o estudo, garantindo bolsa de iniciação científica para uma estudante de Pedagogia (de agosto de 2018 a julho de 2019).

³ Esse componente possui quatro créditos (68h/a), o que corresponde à participação em uma disciplina de Graduação de modo integral. Uma das supervisoras de Estágio é também autora deste artigo e orientadora de pesquisa das duas mestrandas, também autoras deste.

ser acompanhado pela(o) orientadora(or) de pesquisa (neste caso, orientadora de Mestrado) e supervisionado pela(o) professora(or) titular da disciplina do curso de Graduação em que o estágio será realizado, de acordo com resolução da universidade na qual se realizará a prática. Os relatos dispostos a seguir foram escritos por duas mestrandas do PPGE/UECE que pesquisam temáticas envolvendo Arte-educação⁴.

Refletir sobre a experiência de Estágio de Docência é visualizar uma imagem caleidoscópica para a ilustração do conjunto de vivências no decorrer da disciplina Arte-educação, realizada em duas turmas, de cursos de Pedagogia distintos, da Universidade Estadual do Ceará (UECE), no segundo semestre de 2018. Essa imagem reflete a composição, tanto dos grupos de alunos das disciplinas Arte-educação, cada um na sua singularidade, como da diversidade de experimentações estéticas, leituras e instigantes intervenções de cada um dos agentes na disciplina – professoras, estagiárias e alunos das respectivas disciplinas.

No emaranhado que compôs o referido caleidoscópio, muitos elementos se misturaram, compondo a paisagem formativa de futuros docentes: mistura de saberes de campos disciplinares distintos, estímulos aos envolvimento, músicas, cantos, expressões corporais, medos, contatos, aproximações, faíscas inter-relacionais, vibrações, circularidades, cirandas, brinquedos, instrumentos musicais, costuras/colagens de ideias, brincadeiras, dispersões, imersões em campo, prazeres. Em meio a todo esse emaranhado de saberes, sensações e intuições, buscamos desenvolver ações e reflexões contínuas que possibilitassem, por parte dos estudantes – mestrandas-estagiárias e alunos da disciplina Arte-educação –, uma ampliação de sua sensibilidade estética como exercício de autoformação e também de encontro com seus pares – seus colegas de turma.

O Estágio, esse campo de “atividade teórica, preparadora de uma práxis” profissional (PIMENTA, 2006, p. 15), representa um momento crucial de formação do estudante. Seus campos de atuação são espaços de aprendizagem do fazer docente materializado em ações pedagógicas concretas. Integra o currículo de formação de professores como componente essencial do exercício da docência. Assim, compreendemos que o Estágio é

o lócus apropriado onde o aluno estagiário treina o seu papel profissional, devendo caracterizar-se, portanto, numa dimensão de ensino-aprendizagem operacional, dinâmica, criativa, que proporcione oportunidades educativas que levem à reflexão dos modos de ação profissional e de sua intencionalidade, tornando o estagiário consciente de sua ação (BURIOLLA, 1995, p. 11).

⁴ As pesquisadoras, autoras deste texto, fazem parte de um Grupo de Pesquisa sobre Arte e Educação.

Analisando de modo mais distanciado, após o término do semestre, percebemos o quanto as referidas atividades de estágio foram significativas em nossas vidas profissional e, também, pessoal. As formações que obtivemos foram grandiosas nesses dois campos de estágio, ricos de possibilidades de se criar ações educativas e propositivas. Na condição de estagiárias e supervisora, pudemos perceber o quanto esse momento formativo que a universidade estabelece curricularmente é essencial ao nosso fazer(-se) docente, como reforça Buriolla (1995, p. 17):

o estágio prático é essencial à formação do aluno [...], enquanto lhe propicia um momento específico de sua aprendizagem, uma reflexão sobre a ação profissional, uma visão crítica da dinâmica das relações existentes no campo institucional, apoiados na Supervisão enquanto processo dinâmico e criativo, tendo em vista possibilitar a elaboração de novos conhecimentos.

A constituição de novos conhecimentos é uma realidade concreta no decorrer do processo de estágio. Este, por sua vez, configura-se como exercício ou treinamento da práxis profissional, em que articulam-se elementos teórico-práticos, vislumbrando-se a uma transformação social.

Dentre os desafios, possibilidades e experiências singulares no âmbito do estágio, fazemos referência à necessidade contínua de articulação entre os saberes teórico-acadêmicos com os contextos socioculturais dos alunos de Graduação. Às aulas na universidade, que envolvem experimentações artísticas e que tanto mobilizam as energias de jovens estudantes, adimos, por exemplo, a composição de elaborações plásticas (pinturas e colagens), assim como experimentamos ações corporais envolvendo dança e também criação de cenas teatrais. Tudo isso como parte do exercício da práxis profissional e também estético-artística do docente, pois

[...] a práxis artística permite a criação de objetos humanos ou humanizados que elevam a um grau superior a capacidade de expressão e objetivação humanas, que já se revela nos produtos do trabalho. A obra artística é, acima de tudo, criação de uma nova realidade, e posto que o homem se afirma criando ou humanizando o que toca, a práxis artística – ao ampliar e enriquecer com suas criações a realidade já humanizada – é uma práxis essencial para o homem. Como toda verdadeira práxis humana, a arte se situa na esfera da ação, da transformação de uma matéria que perderá sua forma original para adotar outra nova: a exigida pela necessidade humana que o objeto criado ou produzido há de satisfazer. A arte não é mera produção material nem pura produção espiritual. Mas, justamente por seu caráter prático, realizador e transformador, está mais perto do trabalho humano – sobretudo quando este não perdeu seu caráter criador – do que uma atividade meramente espiritual (VÁZQUEZ, 1977, p. 198-199).

Pela consideração acima, não podemos minimizar ou depreciar o valor e o poder da elaboração artística em detrimento de outras formas de criação na sociedade. A práxis artística é tão essencial para a humanidade quanto qualquer outra forma de práxis – política, religiosa, científica, produtiva etc. No âmbito da formação de docentes, o saber e a práxis artísticas são essenciais à dilatação de um olhar sensível sobre diferentes realidades em que os docentes poderão atuar, além de proporcionar-lhes a ampliação de seu repertório cultural, artístico e também didático, principalmente para aqueles profissionais que consideram relevante exercer seus processos de ensino-aprendizagem mediados por alguma linguagem artística.

Para realçar esse tipo de práxis, exaltamos a ideia de Herbert Read, que propõe que façamos um esforço educacional voltado à formação de pessoas capazes de criar. Em outros termos, para Read, o objetivo da educação precisa ser o da *formação de artistas*, ou seja, formação de “pessoas sensíveis e eficientes nos vários modos de expressão” (READ, 2001, p. 12). Assim, com uma formação estética que exalte a dimensão poética da vida e estimule os diversos sentidos, os seres humanos tendem a se ampliar, no sentido de pensar/viver com o corpo inteiro, e constituir ações criativas, solidárias e emancipadoras em variados campos do saber e em diferentes setores da sociedade.

A disciplina Arte-educação, a nosso ver, criou diversos espaços para sua execução: o da sala de aula da universidade, onde houve todo um processo de orientação e de reflexão sobre as práticas docentes, bem como outros espaços com uma organização mais flexível, onde tivemos a possibilidade de experimentar atividades corporais como relaxamentos, alongamentos, expressões teatrais, ateliês de Artes Visuais e rodas de conversas. Com tudo isso, as estagiárias protagonizaram um papel docente mais palpável a partir do qual, possivelmente, criaram um processo de identificação com a profissão. Nesse contexto, o estágio passa a ser um lugar “onde a identidade profissional do aluno é gerada, construída e referida; volta-se para o desenvolvimento de uma ação vivenciada, reflexiva e crítica e, por isso, deve ser planejado gradativa e sistematicamente” (BURIOLLA, 1995, p. 13).

A disciplina Arte-educação materializada em aulas-oficinas

Principiamos este tópico trazendo uma explicação do que seja disciplina, fundamentada na noção assinalada por Lopes e Macedo (2011, p. 121):

[...] as disciplinas são construções sociais que atendem a determinadas finalidades da educação e, por isso, reúnem sujeitos em determinados territórios, sustentam e são sustentadas por relações de poder que produzem saberes. Como instituições sociais

e históricas próprias do processo de escolarização, envolvem lutas, conflitos e acordos vinculados a essa instituição.

As duas turmas da disciplina Arte-educação tiveram seu conteúdo programático elaborado pelas professoras ministrantes e, semanalmente, sistematizado pelas mesmas em conjunto com as estagiárias, o que gerou maior entendimento, por parte destas, da proposta disciplinar apresentada, fazendo emergir sugestões de diversas atividades dado o diálogo entre diferentes repertórios desses agentes e tendo em vista que esse conteúdo disciplinar trata, em linhas gerais, de aspectos referentes ao

contexto histórico-crítico e [às] bases estéticas da arte-educação na perspectiva da educação integral; perspectiva pedagógica das diversas expressões artísticas. As variadas manifestações artísticas e suas práticas na escola; o ensino de Artes na escola: história, limites e perspectivas; práticas em arte-educação (UECE/FACEDI, 2011, p. 79).

Compreendemos que a educação estética atravessa não somente a disciplina Arte-educação, mas também os saberes dos diversos componentes curriculares do curso de Pedagogia, pois produz um tipo de saber formador de atitudes permeadas pela sensibilidade para a arte e também para outras formas de atuação – participação social, visão crítica e criativa acerca da realidade, além de permear o trato inter e intrapessoal e promover o desenvolvimento da percepção e de todos os sentidos (MORAES, 2016).

Um aspecto bem interessante observado no decorrer da disciplina foi a transversalização de experimentações estéticas. As aulas iam, progressivamente, transformando-se em aulas-oficinas, onde os estudantes, guiados por nós, envolviam-se em atividades coletivas de experimentações musicais, de expressões corporais, de relaxamento, de leituras de autores diversos, de reflexões críticas sobre o campo de intervenção etc. Isso, a nosso ver, mobilizou vários saberes e, em concomitância, possibilitou um despertar ou um aperfeiçoamento da percepção estética, dos estudantes e nossa.

Fundadas em experimentações em sala de aula, as reflexões aqui desenvolvidas expõem algumas das muitas vivências de aulas-oficinas que vimos realizando no âmbito da formação inicial de pedagogos numa universidade pública estadual brasileira, sendo que essas aulas-oficinas consideram as dimensões teórico-práticas como elemento essencial dessa proposta estético-formativa.

A aula-oficina é compreendida aqui como ação pedagógica de caráter coletivo em que o professor-mediador propõe dispositivos envolvendo experimentações estéticas que abranjam, integradamente, saberes teórico-práticos. Remete à ideia de oficinas de criação de artefatos de tempos passados, em que havia a relação de ensino-aprendizagem entre mestre e aprendiz. Uma aula-oficina pode mobilizar saberes variados, não somente relacionados ao campo artístico, apesar de, em um trabalho

formativo em Arte-educação, esse campo ser bem mais profícuo. Essa perspectiva pedagógica da aula-oficina diz respeito, pois, a “uma forma de construir conhecimento, com ênfase na ação, sem perder de vista, porém, a base teórica”, conforme Paviani e Fontana (2009, p. 78). A esse respeito, as autoras complementam que

Uma oficina é, pois, uma oportunidade de vivenciar situações concretas e significativas, baseada no tripé: sentir-pensar-agir, com objetivos pedagógicos. Nesse sentido, a metodologia da oficina muda o foco tradicional da aprendizagem (cognição), passando a incorporar a ação e a reflexão. [...] numa oficina, ocorrem apropriação, construção e produção de conhecimentos teóricos e práticos, de forma ativa e reflexiva (PAVIANI; FONTANA, 2009, p. 78).

Foi, então, com essa perspectiva de aulas-oficinas que realizamos nossas ações pedagógicas no âmbito da disciplina Arte-educação, materializando uma intenção formativa das mestrandas em seu Estágio de Docência e colaborando, ainda, com a formação de futuros pedagogos.

Relatos reflexivos de experiências de Estágio de Docência em aulas de Arte-educação

▪ **Relato 1** – Artes e corpo como possibilidades estéticas de futuros docentes

A experiência de Estágio de Docência aqui narrada foi realizada no curso de Pedagogia de um dos *campi* da Universidade Estadual do Ceará situado no interior do estado, a cerca de duas horas da capital. Tendo em vista que a orientadora leciona nessa instituição de ensino, o dia de sua disciplina não alteraria nossas rotinas de atividades no Mestrado, e, portanto, o convite em fazer o estágio em outra localidade foi prontamente aceito.

O horário da disciplina de Arte-educação era às quintas-feiras, no turno da noite, e os encontros ocorreram no período de julho a novembro de 2018, totalizando 15 encontros presenciais e dois outros momentos destinados a pesquisas, leituras e escritura de trabalho por parte dos estudantes.

No mesmo dia da disciplina, no turno da tarde, ocorriam os encontros de um Projeto de Extensão em Artes Cênicas⁵, nesse mesmo *campus* do interior, o que tornava ainda mais proveitosa a experiência no Estágio de Docência, pois, além de participarmos da disciplina de Arte-educação, nos envolvíamos nos encontros do grupo de extensão. As duas atividades resultaram em vivências bastante significativas em nossa formação.

⁵ O Núcleo de Artes Cênicas da UECE/FACEDI – NACE – é um Projeto de Extensão que tem por objetivo valorizar e aprimorar o potencial artístico-educativo de estudantes, professores e pessoas da comunidade, por meio da pesquisa em arte e da realização de atividades cênicas articuladas com o núcleo temático curricular de Arte-educação, favorecendo a formação artístico-estética dos educadores da microrregião. Esse Projeto é coordenado pela mesma professora que orientou o Estágio de Docência.

As atividades iniciaram-se no dia 26 de julho, ocasião em que houve um seminário para abertura do semestre no auditório do Instituto Federal da cidade. No seminário, foi discutida a temática universidade pública no atual contexto. Em seguida, professores e alunos dirigiram-se a suas respectivas salas de aula para o início das atividades letivas do semestre.

Ao longo do semestre, discorremos sobre algumas atividades que foram realizadas, tecendo considerações críticas a esse respeito, em um movimento de reflexividade que pautou todo o processo de aprendizagens durante o estágio. Nesse processo, nossas conversas e vivências foram de uma riqueza antropofágica, termo utilizado por Moraes (2016) para falar da importância de alimentar-se de saberes diversos, de forma a ampliar o repertório cultural de discentes e docentes.

Antes de começarmos a primeira aula, tivemos uma reunião, juntamente com a monitora da disciplina, na qual estabelecemos alguns combinados sobre o semestre que se iniciava. Nesse dia, conversamos sobre o cronograma da disciplina e propusemos algumas alterações, como a inclusão de oficinas a serem realizadas durante as aulas. Em sala, já com os alunos da disciplina de Arte-educação, iniciamos um diálogo sobre as possibilidades formativas para o semestre. Nesse momento, alguns pontos relevantes foram mencionados, tais como a disponibilidade de material de leitura, organizado pela professora em formato de apostila, contendo os textos basilares às discussões em sala; a apresentação do livro *Educação Estética na Universidade: Antropofagias e Repertórios Artístico-culturais de Estudantes* (MORAES, 2016), a partir do qual iríamos trabalhar os dois primeiros capítulos, dentre outros informes.

Inicialmente, a professora aconselhou que cada aluno produzisse um diário reflexivo ao longo da disciplina, sugerindo que cada registro de aula fosse apresentado em sala na aula seguinte e que, ao final do semestre, o diário devesse ser entregue com o registro de todas as aulas. Para incremento do diário reflexivo, solicitamos autorização da turma para fazer registros audiovisuais dos alunos quando da participação destes nas atividades propostas.

Durante a primeira aula, realizamos uma vivência com imagens de obras de arte (pinturas e fotografias); distribuímos as imagens sobre uma mesa e cada pessoa deveria escolher uma que melhor lhe representasse; após essa escolha, cada aluno iria se apresentar, apresentar a obra e falar um pouco do porquê da escolha da imagem. A partir dessa atividade, foi possível conhecer um pouco sobre as expectativas, os gostos, os conceitos de arte para cada um dos alunos, dentre outros pontos que foram observados nas falas destes.

Como atividade para a aula seguinte, a professora lançou dois questionamentos: Que experiências estéticas vivenciei e por meio de qual(is) linguagem(ns) artística(s)? Que contribuições essas experiências trouxeram para minha formação pessoal e profissional? Esses questionamentos suscitaram a ideia de elaboração de um memorial como exercício de escrita de si, a ser apresentado oralmente e entregue na aula seguinte. Para esse memorial, foi orientado que os alunos escrevessem tudo que lhes fosse surgindo à memória e que se relacionasse a seus contatos com Artes para ser discutido nas aulas seguintes.

Em uma outra aula, conduzimos uma vivência chamada de autorretrato⁶. Iniciamos com um breve diálogo sobre a história dos nossos nomes e, em seguida, fizemos nosso autorretrato. Cada aluno tirou uma foto de si, utilizando o aparelho celular e, olhando para a foto dizia o que estava vendo. Em seguida, fazia circular o aparelho celular com a foto para que os demais pudessem ver. Assim todos fizeram, e, depois, com base na foto do celular, cada aluno produziu seu autorretrato. Com essa vivência, conhecemos um pouco mais sobre a intimidade de cada pessoa, o que fez com que nos tornássemos mais sensíveis uns com os outros. É interessante perceber que as relações entre os integrantes da turma se fortaleciam à medida em que avançávamos nas discussões e nas vivências.

Em uma das aulas, levamos alguns vídeos de trabalhos artísticos que geraram polêmicas nos meios de comunicação para que, a partir desses vídeos, pudéssemos dialogar em sala sobre o que é e não é arte, resultando em ricas discussões em sala. Consideramos esse momento instigante, porque expôs os diferentes posicionamentos sobre as múltiplas concepções dos alunos sobre Artes.

Em outra aula, realizamos uma vivência com bolas, facilitada pela professora, e, em seguida, uma vivência sensorial mediada pela estagiária. Na primeira, trabalhamos com uma bola imaginária, que buscava explorar a expressão corporal de cada um. Após esse momento, dançamos uma ciranda e trabalhamos em um exercício de improvisação em dança. Na segunda vivência, caminhamos pela sala e trabalhamos com a percepção do corpo, do espaço, do tempo e da agilidade.

Ao final das atividades, socializamos as impressões sobre as experiências e percebemos o quanto, muitas vezes, não temos consciência de nosso corpo.

Entendemos também que esse distanciamento se dá, por vezes, de forma inconsciente, motivado pela história de vida que cada indivíduo possui com seu próprio corpo e por como foi o desenvolvimento escolar, dentre outros fatores, pois, segundo Miller (2016, p. 53),

⁶ Essa vivência foi mediada diretamente pela Estagiária Docente.

O que geralmente se observa no início do processo é a ausência corporal, ou seja, pessoas com distanciamento do próprio corpo, falta de contato e de atenção corporal, com autoimagem distorcida, receio do próprio movimento, queixas de má postura, cristalização de padrões posturais, dores e “crispações”. É importante salientar que essas observações remetem à maioria, não excluindo os bailarinos, já que uma das características da Técnica Klauss Vianna é justamente o fato de a dança e o estudo do movimento não serem privilégio apenas de bailarinos, mas de qualquer ser humano interessado em conhecer e trabalhar o corpo.

De acordo com as discussões nas rodas de conversa, percebemos o quão importante foi a realização dessas vivências em sala, pois, nas falas dos alunos, identificamos como é positivo, para eles, ampliar esses conhecimentos e ter um cuidado consigo e com o outro nas relações em sala de aula.

No decorrer do semestre, tivemos ainda uma aula em que recebemos um convidado para realizar uma vivência com a turma. Nesse mesmo dia, tivemos, antes dele, uma explanação da bolsista monitora da disciplina sobre a história da Arte-educação no Brasil, sobre como a Arte chegou ao ensino formal escolar, focando nas Leis de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) e em outros documentos oficiais. Para complementar a explanação, a professora também apresentou alguns *slides* que tratavam do ensino de Artes no Brasil. Finalizamos esse momento com algumas discussões acerca do que foi abordado durante a aula e com a vivência do convidado⁷.

Inicialmente, o convidado propôs uma reflexão, de maneira que pudéssemos nos concentrar 100% nas atividades que realizaríamos em seguida. A partir dessas reflexões e do convite para a máxima concentração no que estávamos fazendo, realizamos vivências que foram muito significativas para cada um, de forma singular. Ele explorou a dimensão afetiva e o autoconhecimento dos presentes por meio de jogos que envolviam olhar o outro, expor o próprio sentimento ao grupo e trazer à tona memórias afetivas.

Percebemos que toda a aproximação e afetividade, que foram sendo construídas a cada aula, contribuíram com a nossa entrega de 100%, auxiliando-nos a fortalecermos nossos vínculos e a nos colocarmos totalmente à disposição das atividades, demonstrando nossos sentimentos, choros, alegrias, angústias. Consideramos que essa aula marcou de forma positiva a todos que estavam presentes, por ter dado visibilidade à dimensão afetiva e aos sentimentos pouco explorados no âmbito acadêmico, como os medos, as dores, as saudades etc.

Em outra aula, conhecemos um pouco sobre os estandartes – elaboração muito presente em blocos de carnaval, em festejos religiosos e em maracatus – para refletirmos sobre

⁷ O convidado é dançarino e arte-educador. É integrante de uma Companhia de Dança Contemporânea.

manifestações culturais brasileiras. Ao final, cada um pôde produzir um estandarte, tendo como suporte cartolinas, varas de madeira e cordão. O estandarte foi pintado com tinta acrílica e pincel. Segundo as reflexões feitas com essa atividade, percebemos que, para muitos alunos, produzir seu próprio estandarte foi algo novo; alguns não se imaginavam capazes de produzir algo interessante, outros ficaram surpresos com os resultados. Percebemos que foram despertadas habilidades que permaneciam adormecidas.

Durante o semestre organizamos, também, um Seminário, que foi realizado no auditório do Instituto Federal da cidade, intitulado “Experiências Estéticas no Ensino de Artes”. A professora mediu a mesa redonda, composta pelas autoras deste artigo e também por um arte-educador da cidade⁸. Nesse dia, a aula de Arte-educação aconteceu no evento. No início, cada participante recebeu um livro – *Pedagogia Antropofágica – diálogos* (MORAES, 2015), que foi utilizado na disciplina, e uma pasta do evento. Participar de uma mesa redonda foi uma experiência que ainda não havíamos experienciado, dada nossa recente trajetória acadêmica em curso de Mestrado.

Em nossa fala durante o evento, abordamos sobre o que seriam experiências estéticas; citamos exemplos e dialogamos com base em alguns autores. Levamos questionamentos e vídeos que trouxeram como reflexão o corpo e as experiências estéticas. Finalizamos a fala com alguns vídeos de práticas dançantes que produzimos no curso de Dança de uma Universidade Federal com a qual temos vínculo como estudante⁹.

Em suma, nesse seminário, realizamos a discussão dos textos propostos na disciplina, fizemos leitura dramática de trechos do livro que recebemos no evento, realizamos encenação com teatro de fantoches, fizemos improvisação musical com instrumentos percussivos e produzimos um cordel coletivo que se referia ao contexto eleitoral de 2018¹⁰, assim como, em nossas reflexões, mantivemos as discussões voltadas para as experiências estéticas e realizamos diversos tipos de atividades, buscando conhecer variados elementos artísticos de modo a ampliar nosso repertório em relação às Artes.

Concomitante à disciplina Arte-educação, participamos dos encontros do Projeto de Extensão Núcleo de Artes Cênicas – NACE. Nos encontros, trabalhávamos variadas atividades artísticas, pois tínhamos como proposta dar ênfase ao elemento dança, conforme decisão tomada pelo grupo no início do semestre. Tivemos a oportunidade de trabalhar o corpo, os sentidos, as direções e diversas atividades envolvendo elementos artísticos.

⁸ Professor da rede estadual de ensino.

⁹ Uma das autoras, além de mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação, é pedagoga e também faz uma segunda graduação em Dança.

¹⁰ Cordel feito coletivamente na disciplina Arte-educação (out. 2018) e amplamente divulgado nas redes sociais.

Nesse projeto de extensão, também nos colocamos disponíveis para ajudar no que fosse preciso: por exemplo, ministramos uma vivência com o grupo, na qual, ao final, dançávamos o círculo circassiano¹¹, um tipo de dança europeia. Nessa vivência, pudemos compartilhar com o grupo um pouco do que havíamos aprendido em um curso de dança que fizemos no semestre anterior. Percebemos as diferenças de estar como aquele que aprende e aquele que ensina, pois ensinar algo que aprendemos, antes, requer uma maior atenção e trabalhar com o corpo do outro também exige redobrada atenção. É fato o que diz Freire (2006, p. 23-24) em relação a aprendermos quando ensinamos, ou seja,

Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. [...] quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade.

Realizamos ainda uma oficina voltada para a elaboração de resumos acadêmicos expandidos para a Semana Universitária da UECE. Convidamos os alunos da disciplina e do Projeto de Extensão e abrimos para outros alunos que tivessem interesse. Cerca de 20 estudantes participaram da oficina; destes, 07 alunos eram bolsistas da disciplina, 08 estavam matriculados na disciplina e 05 alunos eram oriundos de outras disciplinas. Nessa mesma oficina, pudemos apresentar um dos resumos que elaboramos para outro evento acadêmico.

Após essas vivências, percebemos que trabalhar junto à extensão foi fundamental, pois pudemos usufruir de outras experiências com diversas pessoas, principalmente experiências de natureza estética. Essas experiências reforçam a necessidade de se trabalhar com grupos diferentes, a exemplo de uma das vivências que realizamos, a ciranda, tanto no grupo de extensão como na aula de Arte-educação. Participar dessa atividade nos dois locais permitiu-nos perceber as diferenças emergentes, principalmente dos grupos, ou seja, somos corpos situados em contextos e ânimos diferentes, em que cada um possui suas especificidades.

Como atividade final da disciplina, realizamos um Sarau Artístico no pátio central da faculdade, juntamente com o grupo de extensão. A proposta do Sarau foi reunir e exibir diversas elaborações artísticas realizadas por cada um de nós. Tivemos apresentações grupais e individuais, envolvendo dança, apresentação musical, esquete teatral, narração de história encenada, poema e *performance*, e encerramos com apresentação do coral da

¹¹ O círculo circassiano faz parte de uma dança europeia, dançada em roda, semelhante à ciranda. De acordo com o dicionário, ciranda é uma "cantiga de roda infantil, provavelmente de origem portuguesa. É mais conhecida entre as crianças com o nome de cirandinha. O termo ciranda aplica-se também à dança de roda para adultos muito popular no Nordeste brasileiro" (Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/ciranda/>>. Acesso em: 1 abr. 2019).

faculdade. Esse momento foi muito significativo e dinâmico, tanto para os que se apresentaram como para o público presente, que consistiu em cerca de 50 pessoas ou mais.

Após o Sarau, retornamos à sala de aula e encerramos a disciplina Arte-educação com uma confraternização. Finalizamos nossa última aula com uma entrevista coletiva registrada em gravador, que foi feita pela professora que utilizou, para tanto, um roteiro semiestruturado. O momento da entrevista foi bastante proveitoso, pois pudemos recordar diversas aulas que trabalhamos ao longo do semestre, fizemos um memorial oral das aulas que mais nos marcaram ou que foram mais significativas para cada um. Lembramos com carinho do Seminário sobre experiências estéticas, da oficina que o arte-educador convidado mediu em sala, da vivência com os estandartes, das vivências práticas que trabalhamos com o corpo, das discussões que realizamos a cada aula, dentre outras lembranças que compartilhamos.

Por fim, observamos, a partir das falas na entrevista, o quão significativas foram as experiências vivenciadas para cada um dos alunos. Em algumas delas, percebemos comparações, por exemplo, de como os alunos chegaram e de como saíram da disciplina. Verificamos ainda que os olhares se ampliaram em relação às Artes, em suas variadas linguagens. Houve um incremento da sensibilidade nas relações interpessoais, dentro e fora de sala, tendo, como pano de fundo, as experiências estéticas vivenciadas nesse processo de transformação e de (des)construção, coletivo e permanente, em que estivemos imersos.

A cada aula, íamos aprofundando nossas discussões sobre Artes e vivenciando diferentes experiências, o que fazia com que nosso repertório artístico fosse ampliado. A estagiária da disciplina sempre se colocava à disposição para o que fosse necessário em relação às atividades do curso, procurando sempre se inserir nas discussões em sala para que pudéssemos ampliar, cada vez mais, nossas trocas de conhecimentos. Em muitas das discussões, tínhamos como base nossos estudos em dança e nossas pesquisas do Mestrado, o que ajudou muito nas aulas e em todas as vivências.

Vale destacar que alguns materiais produzidos durante toda a disciplina – diários, memoriais, registro da entrevista coletiva – passaram a constituir dados de uma pesquisa sobre a perspectiva da aula-oficina como elemento formativo de futuros docentes, que está sendo realizada pela professora juntamente com uma bolsista de iniciação científica, que também participou de todas as aulas, observando e colaborando com o processo investigativo.

Podemos afirmar que encerramos a disciplina Arte-educação com êxito, tendo experimentado e incorporado muitas vivências estéticas, que serão multiplicadas em nossa atuação como profissionais.

O Estágio de Docência, realizado por conta do Mestrado, foi de fundamental relevância para nossa formação. Estagiar na disciplina Arte-educação nos proporcionou experienciar possibilidades de como atuar em sala de aula enquanto docente. Como estagiárias, tivemos a oportunidade de acompanhar a disciplina do início ao fim, acompanhando todo o processo e desenvolvimento didático-pedagógico e tendo a abertura de atuar nas aulas e contribuir com nossas experiências.

Em todas as aulas, colocávamo-nos à disposição das ações pedagógicas, buscando sempre nos inserirmos nas discussões em sala para que pudéssemos ampliar, cada vez mais, nossas trocas de conhecimentos. Em muitas das discussões, tínhamos como base estudos em dança e pesquisas do Mestrado, o que ajudou muito nas aulas e em todas as vivências. Vivenciamos a teoria e a prática juntas, esforçando-nos para tornar a aprendizagem significativa e eficaz.

Refletindo sobre a experiência aqui relatada e analisada, recordamos das disciplinas de estágio que fizemos durante a graduação em Pedagogia, nas quais tínhamos um calendário de visitação à escola para conhecermos o ambiente e os profissionais e, em seguida, acompanharmos uma professora em sala de aula, fazendo anotações e observações. Por fim, tínhamos a oportunidade de praticar com a turma alguma atividade que havíamos preparado. Os encontros se resumiam, no máximo, a cinco visitas à instituição. Dessa forma, com poucas visitas e somente uma oportunidade de atuação em sala, essas experiências foram pouco significativas, acrescentando o mínimo necessário à prática docente. Frequentemente, é sob esse modelo de distanciamento da realidade da sala de aula que as disciplinas de Estágio são realizadas: de forma superficial, não contemplando a riqueza de experiências e a diversidade existente em sala de aula.

De acordo com Lima (2018, p. 02): "o Estágio é o lugar, por excelência, em que o aluno do curso de licenciatura passa a compreender os processos de ensinar e aprender, na direção da sua atuação em sala de aula e no magistério, como profissão". Nas palavras de Lima (2018), percebe-se a busca entre a relação da teoria com a prática para a formação do professor, trazendo a perspectiva do professor reflexivo, intelectual e pesquisador.

Vale ressaltar que, a reflexão pautada pelo professor não acontece somente dentro de sala; é uma reflexão que permeia os outros aspectos da vida do docente, reforçando que

as ideias estão interligadas e fazendo com que o professor esteja envolvido em seu ser atuante na vivência de sua profissão, sendo os alunos participantes desse processo.

Destarte, percebeu-se que, quando o Estágio é desenvolvido a contento, o estagiário consegue estar mais próximo da realidade em que ele vai atuar, desenvolvendo variadas possibilidades de experiências, como as que apresentamos na imagem abaixo (Figura 01).



Figura 01: Aula-oficina sobre estandartes, produção individual e reflexão coletiva (2018)

Fonte: Arquivo pessoal

▪ **Relato 2** – Arte, Cultura Popular e suas aproximações ao repertório dos estudantes

Este relato surgiu, primordialmente, como cumprimento obrigatório da disciplina Estágio em Docência I, ocorrida no segundo semestre do curso de Mestrado Acadêmico em Educação e se materializa em registro reflexivo na perspectiva de ser divulgado, podendo tornar-se uma referência para quem deseja conhecer e pesquisar experiências de estágio.

O mesmo descreve os encontros sensíveis e criativos da disciplina Arte-educação, ofertada no curso de Pedagogia em um *campus* universitário situado na capital do estado do Ceará, os quais ocorreram às terças-feiras, no período noturno, de agosto a novembro de 2018.

Os diálogos sobre a realização do estágio ocorreram ainda no final de julho de 2018, pois a professora supervisora, muito disponível e atenciosa, proporcionou um encontro para que fôssemos apresentadas ao programa da disciplina e a outro professor, também ministrante da disciplina Arte-educação no curso de Pedagogia.

Com esses diálogos, foram socializadas as datas e os horários, bem como o cronograma das aulas planejadas para o segundo semestre de 2018. Também foi disponibilizado, para a turma, o material de leitura a ser utilizado como aporte teórico da disciplina.

“Todo dia o sol levanta/E a gente canta/Ao sol de todo dia [...]”¹². E assim teve início a aula do segundo semestre letivo de 2018 na referida disciplina. Essa música contagiava a todos que ali estão, mesmo com os corpos e falas ainda tímidas. A disciplina tem seu programa apresentado à turma nessa atmosfera, no dia 07 de agosto de 2018.

A Cultura Popular e a presença das linguagens artísticas são elementos predominantes nos encontros. Falar sobre ludicidade também é importante na formação inicial na Pedagogia, e o filme *Tarja Branca*¹³, exibido na sala de vídeo da biblioteca central, estimulou debates e a produção de um material escrito sobre o tema, complementado com a leitura do texto *O Ensino de Arte-Educação* (COLARES, 2008).

As reflexões aconteceram de modo fluido e enriquecedor, pois o relato sobre o brincar suscitou o desvelamento de experiências pessoais que passaram a ser valorizadas pelas possibilidades geradas por si próprias (conhecimento de brincadeiras, jogos e interação), e a ausência dessas experiências foram apontadas como principal elemento de “castração” de emoções e experiências afetivas.

O texto “A Importância da Estética para a Formação Humana” (OLIVEIRA; NASCIMENTO, 2010) trouxe à tona importantes reflexões e representou o marco introdutório à disciplina, após o início da aula ser preenchido por música, dança e poesia, contendo como referência elementos da Cultura Popular.

Nesse encontro, ficaram registradas a inquietação e a angústia de uma das estudantes ao afirmar que não gostava ou não se identificava com a prática de dança: “Será a pedagoga obrigada a saber e a fazer dança com as crianças na escola?”. A esse questionamento, respondemos: o semestre se encarrega de experienciar e elucidar dúvidas tão pertinentes.

Introdução à Arte-Educação (OLIVEIRA; NASCIMENTO, 2010) foi o tema que norteou o momento de encerramento do mês de agosto e preparou o grupo para a visita aos espaços culturais e artísticos encontrados pela cidade de Fortaleza e Região Metropolitana. Em grupos, os estudantes foram orientadas e orientados a se organizarem e prepararem uma apresentação sobre o espaço cultural visitado.

A professora da disciplina necessitou de um breve período de licença médica e, durante esse tempo, outro professor¹⁴ acompanhou a turma em suas atividades, embora de

¹² Canto de Um Povo de Um Lugar. In: VELOSO, C. **Joia**. [S.l.]: Universal Music, 1975.

¹³ Direção de Cacau Rhoden. [S.l.: s.n.], 2014.

¹⁴ Professor substituto da Universidade Estadual em questão. Mestre em Artes Cênicas.

modo virtual a professora continuasse a coordenar, juntamente com o professor, as atividades propostas para a disciplina.

Aconteceram apresentações em grupos, os quais expuseram os diversos espaços culturais e artísticos explorados através de *slides*, esquetes e apresentações de dança. No mesmo dia, a turma foi informada e orientada sobre a visita agendada ao Museu de Arte da Universidade Federal da cidade¹⁵, no período correspondente ao horário da aula – iniciando-se às 18:30 do dia 25 de setembro.

O Museu abriu as portas para nosso grupo de maneira acolhedora. Iniciamos com uma apresentação da diretora, que fez uma narrativa sobre o contexto histórico do espaço e sobre seu acervo. A professora da disciplina também fez uma exposição oral sobre a importância do espaço para a cidade, bem como para os(as) estudantes que seriam multiplicadores(as) daquelas experiências em suas práticas como futuros(as) docentes; em seguida, realizamos a visita. A visita ao Museu foi o mote para a apresentação de sugestões didáticas propostas pelos discentes que ali estiveram, os quais apresentaram seminários em grupos.

Da XXIII Semana Universitária da universidade em que se realizou esse estágio (ocorrida de 22 a 26 de outubro de 2018), os alunos coletaram, a partir das apresentações dos pesquisadores, os temas para a criação de cordéis e a produção visual de isogravuras¹⁶, atividade realizada em sala de aula no encerramento do mês de outubro, dia 30.

Seguindo nosso relato,

Cresce cada vez mais o interesse de estudantes e educadores de todo o Brasil, em especial das escolas públicas da Região Nordeste, pela Literatura de Cordel. Esse poderoso veículo de comunicação de massas, que já foi oportunamente batizado de 'professor folheto' [...] (VIANA, 2010, p. 12).

Esse "professor folheto" ensina-nos o quão relevante são as práticas e os artefatos lúdicos nos processos de ensino. O Cordel possui essa peculiaridade de expor narrativas de modo, ao mesmo tempo, brincante e organizado, com métrica e rima próprios que nos envolvem com seus aspectos racional e imaginativo.

O mês de novembro teve início com clima de "arremate" do semestre. O foco foi atribuído ao aporte teórico e aos documentos norteadores para o ensino de Artes nas escolas, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2000) e a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018).

¹⁵ Dentre outros aspectos, a escolha desse museu se deu pela possibilidade de apropriação do conhecimento em Artes a partir da própria identidade e dos elementos culturais dos discentes da disciplina, além da diversidade de conceitos estéticos, suportes e linguagens que poderiam conduzi-los a uma formação significativa.

¹⁶ Gravura a partir de uma matriz de poliestireno expandido/isopor®.

Nas apresentações sobre Os Parâmetros Curriculares Nacionais das Artes (PCN/Artes), o documento foi dividido entre os grupos por abordagem, a partir das linguagens artísticas, com apresentações realizadas dia 13 de novembro. Os alunos foram divididos nos seguintes grupos: 1 - Artes Visuais / 2 - Música / 3 - Teatro / 4 - Dança. Foram propostas experiências a partir das linguagens artísticas, que foram exploradas pelos respectivos grupos nas apresentações. A professora complementou as informações com os aspectos gerais de cada linguagem artística, bem como preencheu as lacunas a cada apresentação e explorou diferentes perspectivas sobre os temas.

Dia 20 de novembro, o encerramento deu-se com a realização de debate sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), englobando suas alterações, perspectivas e possibilidades nas aulas de Artes na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Apresentamos o debate atual sobre a BNCC, no que concerne ao ensino de Artes, explorando os aspectos críticos da proposta e estabelecendo um debate com o contexto escolar da atualidade, realidade vivenciada por discentes, o que estabeleceu um ambiente de muito diálogo, reafirmando a característica dialógica que esteve presente em todo o percurso das aulas de Arte-educação para formandos em Pedagogia do segundo semestre de 2018.

A seguir, apresentamos alguns registros (Figuras 02 e 03) desses momentos formativos na criação de isogravuras com a turma mencionada anteriormente.



Figura 02: Criação de Isogravuras em turma de Pedagogia
Fonte: Acervo pessoal



Figura 03: Exposição de Isogravuras em sala de aula
Fonte: Acervo pessoal

O espaço de formação inicial no curso de Pedagogia é uma dimensão ampla e rica de possibilidades de interação, abordagens e aprendizagens. Quando a disciplina é Arte, conduzida a partir da Cultura Popular e das vivências com música, dança, encenações, artes visuais e exercícios de corporeidade, compreende-se melhor o espaço social e formativo das artes na constituição pessoal e profissional de educadores e educadoras.

Esse espaço representa ainda uma dimensão ampla e rica de possibilidades de interação, abordagens e aprendizagens. Quando a disciplina de Arte é conduzida a partir da Cultura Popular e das vivências com música, dança, encenações, artes visuais e exercícios de corporeidade, compreende-se melhor o espaço social e formativo das artes na constituição pessoal e profissional de educadores e educadoras, pedagogos e pedagogas em formação.

A professora Edite Colares, professora supervisora de estágio e uma das titulares dessa disciplina, mediu os processos de ensino-aprendizagem de modo leve, dinâmico, reflexivo e, sobretudo, promovendo experiências estéticas e estésicas bastante instigantes, desafiadoras e criativas. Apresentou possibilidades criativas em sala de aula com materiais simples e presentes no cotidiano dos/das discentes, proporcionando uma aprendizagem significativa no momento de apreensão dos conteúdos de Artes.

A ampliação do vocabulário visual, as potencialidades de criação e as intervenções em sala são acontecimentos presentes nas aulas de Arte e Educação do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará, ministradas, com maestria, pela Arte-educadora, artista e professora Dra. Edite Colares.

Considerações finais

O que, afinal, aprendemos com todo o processo de realização da disciplina Arte-educação, enquanto estagiárias e orientadora? Aqui não seria possível contabilizar, com minúcias de detalhes, todas as aprendizagens. Nós mesmas não saberíamos racionalizar a ponto de conseguirmos pontuar todos os saberes apreendidos.

Como observamos, o Estágio de Docência expressa sua relevância no estímulo ao aperfeiçoamento dos estudantes de Mestrado para o exercício da profissão. Especificamente no caso da disciplina Arte-educação, esse aperfeiçoamento teve a educação estética, por meio de experimentações artísticas, como eixo fundante que atravessou todas as ações formativas do semestre, o que trouxe também, para as turmas, a possibilidade de mobilizar saberes de modo a utilizarem-se de uma razão prática, tendendo a gerar, assim, aprendizagens significativas.

Podemos apontar pelo menos três aprendizagens significativas: a primeira foi a da necessidade que sentimos de se fazer o registro – escrito e imagético – das ações pedagógicas que desenvolvemos. Ao visualizar todas essas ações, ao final do semestre, vimos que muita coisa foi feita. As atividades foram bem diversificadas e, por isso, podem ter tocado cada estudante de acordo com seus modos particulares de ser e de perceber o mundo; a segunda aprendizagem foi o instigante trabalho com imagens, fossem elas pinturas, fotografias ou ainda trechos de filmes e documentários que envolviam temas arte-educativos. A imagem, de modo geral, atrai a atenção das pessoas e proporciona a visualização de determinado conceito ou contexto, além de ser um registro essencial para compor nossa história. As imagens são assim definidas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte: “produção cultural, documento do imaginário humano, de sua historicidade e de sua diversidade” (BRASIL, 2000, p. 83). Por fim, um terceiro aprendizado que essa disciplina nos trouxe foi o de tentar diminuir, como estagiárias e professora formadora, certo olhar preconceituoso sobre a capacidade de interesse e envolvimento de alguns estudantes. Se, num primeiro momento, julgávamos que os mesmos não iriam se dispor para o que a disciplina se propunha – desenvolver o estágio pela via de intervenções artístico-pedagógicas –, no decorrer do semestre, observamos o quanto as turmas avançaram em matéria de entrosamento e de envolvimento com essa proposta.

Com isso, reconhecemos a cada dia a potência das Artes na criação e na mobilização dos sentidos humanos e percebemos o quanto é importante oferecer possibilidades estético-formativas para futuros docentes, pois, sem o convite à experimentação, sem a vivência prática e sem a crença no potencial de cada estudante, fica realmente difícil

visualizarmos um projeto formativo dessa natureza. Por isso, consideramos ser necessário continuarmos criando projetos pedagógicos alicerçados por intenções de educação estética.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de educação fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Brasil: MEC/SEF, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasil: MEC, 2018.

BURIOLLA, M. A. F. **O Estágio Supervisionado**. São Paulo: Cortez, 1995.

COLARES, E. **Ensino de Arte-Educação**. Fortaleza: Brasil Tropical, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

LIMA, M. S. L. Mobilização da práxis pedagógica no estágio com pesquisa: a produção escrita de textos coletivos. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO, 19., 2018, Salvador. **Anais ...** Salvador: Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, 2018. Disponível em: <<http://www.xixendipe.ufba.br/>>. Acesso em: 2 abr. 2019.

LOPES, A. C.; MACEDO, E. **Teorias de Currículo**. São Paulo: Cortez, 2011.

MILLER, J. **A escuta do corpo: sistematização da Técnica Klaus Vianna**. 3. ed. São Paulo: Summus, 2016.

MORAES, A. C. **Educação Estética na Universidade: Antropofagias e Repertórios Artístico-culturais de Estudantes**. Curitiba: CRV/EdUece, 2016.

MORAES, Ana Cristina. **Pedagogia Antropofágica: Diálogos**. Fortaleza-CE: EdUECE, 2015.

OLIVEIRA, E. C.; NASCIMENTO, M. V. do. **Introdução à Arte-Educação**. Fortaleza, CE: Secretaria de Educação a Distância (SEAD) da Universidade Estadual do Ceará (UECE), 2010.

PAVIANI, N. M. S.; FONTANA, N. M. Oficinas Pedagógicas: relato de uma experiência. **Revista Conjectura**, Caxias do Sul, v. 14, n. 2, p. 77-88, maio/ago. 2009. Disponível em: <<http://abenfisio.com.br/wp-content/uploads/2016/05/Oficinas-Pedagógicas.pdf>>. Acesso em: 2 abr. 2019.

PIMENTA, S. G. **O estágio na formação de professores: Unidade Teoria e Prática?** São Paulo: Cortez, 2006.

READ, H. **A Educação pela Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

UECE/FACEDI – UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ. Centro de Educação. **Projeto Político-Pedagógico (Curso de Pedagogia)**. Fortaleza: UECE/CED, 2008.

UECE/FACEDI – UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ. Faculdade de Educação de Itapipoca. **Projeto Político-Pedagógico (Curso de Pedagogia)**. Itapipoca: UECE/FACEDI, 2011.

VÁZQUEZ, A. S. **Filosofia da Práxis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

VIANA, A. **Acorda cordel na sala de aula: a literatura popular como ferramenta auxiliar na educação**. 2. ed. Fortaleza: Gráfica Encaixe, 2010.

ⁱ Professora Adjunta da Universidade Estadual do Ceará – UECE. Pós-doutoranda em Educação (UFC). Doutora em Educação pela – Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Mestre em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Líder do Grupo de Pesquisa: Investigações em Arte, Ensino e História – IARTEH (Programa de Pós-Graduação em Educação/PPGE-UECE). Vinculada ao Mestrado Acadêmico Intercampi em Educação - MAIE/UECE.

ⁱⁱ Mestranda em Educação pela Universidade Estadual do Ceará – UECE e graduanda em Dança pela Universidade Federal do Ceará – UFC.

ⁱⁱⁱ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação na Universidade Estadual do Ceará - PPGE/UECE. Especialização em Arte-Educação com ênfase em Música - Faculdade Vale do Jaguaribe (FVJ). Especialização em Gestão Escolar - Universidade Federal do Ceará (UFC). Licenciatura em História - Universidade Federal do Ceará (UFC), Graduanda em Licenciatura em Artes Visuais - Universidade Estadual do Ceará (UECE). Grupo de Pesquisa: Investigação em Arte, Ensino e História (IARTEH/UECE). Gestora em exercício da EMEF Maestro Eleazar de Carvalho, (Maracanaú-Ceará).

Como citar esse artigo:

MORAES, Ana Cristina; QUEIROZ, Juliane Gonçalves; LIMA, Izabel Cristina Soares da Silva. Estágio de docência e experimentações estéticas em aulas de arte-educação. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria: UFSM, v. 12, n. 3, p. 112-133, set./dez. 2019.